

***SERÁ A MISSA  
O SANTO SACRIFÍCIO?  
ASSISTIMOS À MISSA?  
VAMOS OUVIR A MISSA?  
O PADRE CELEBRA A MISSA?***



# **as missas**

**A**MISSA DOMINICAL É a prática, por excelência, que identifica os católicos. Mais do que o batismo ou os ritos do matrimônio. A característica católica de um país mede-se pelo número de assistentes nas missas. São os chamados católicos praticantes.

O abandono da Igreja, incompatibilizados ou não com ela, coincide com o abandono da missa. Na maioria dos casos, o *abandono* da missa sucede por se ter tornado um frete. Quando crianças, foi nos dito que, a partir da primeira comunhão, passava a ser obrigatório ir à missa nos domingos e festas de guarda. Constituía um preceito da Igreja. Ora um preceito nunca foi uma razão suficiente para se pertencer a um clube, nem muito menos a uma igreja. A autoridade eclesial não tem força suficiente para ter de alimentar um costume chato, ininteligível e sem proveito algum. A instituição de um pecado mortal, a ameaça com a eternidade no inferno, a excomunhão, etc. revelaram-se ineficazes na orientação de seres livres. A autoridade eclesiástica, a partir da criação da Monarquia Papal, interpretou mal a parábola evangélica, ao convencer-se de que os cristãos eram ovelhas guiadas pelo

Pastor.

Há já algum tempo que as ovelhas, em grande número, abandonam a prática dominical por ela se ter tornado um frete. Os responsáveis não sabem o que mais inventar para as captar ou reter. Dum modo geral, a administração dos sacramentos, o clero e o ambiente paroquial repelem ou, pelo menos, não atraem o grande público. As chefias alarmam-se e falam de descristianização ou paganização. Espanha terra de missão!

Ora bem, a primeira causa desta fuga lenta, mas constante, deve-se às missas. A missa foi perdendo a sua capacidade de ser compreendida, e deixou de ter significado para os que partem, para os que, e para o próprio clero que “a diz”. Se procurarmos, um pouco, na teologia ou na história que foi construindo a missa que temos hoje em dia, chegamos à conclusão de que, nem o clero sabe o que é a missa, nem o porquê do que nela sucede. A linguagem utilizada é um fiel sinal da ignorância dominante.

Será a missa o *Santo Sacrifício*? *Assistimos* à missa? *Vamos ouvir* a missa? *O padre celebra* a missa?

Quem preside à missa representa Jesus ou a

Comunidade? As suas preces dirigem-se a Cristo ressuscitado ou ao Pai?

Cada século, ou antes, cada época histórica derramou na missa as suas formas de pensar. Estas formas de pensar foram amadurecendo, mas o rito permaneceu estático. Resultado: uma missa que mais parece uma salganhada de teologias transformadas em ritos e gestos. Talvez, no seu tempo, tivessem tido algum sentido. Hoje é algo incapaz de se digerir. Veja-se um exemplo superficial, mas real: morre, em Roma, um bispo muito querido. No dia seguinte é mencionado o seu nome na celebração. Prolonga-se este procedimento durante nove dias. Finalmente, a memória dos defuntos permanece no Cântico como um quisto, e nada mais. Hoje em dia, são referidos os nomes dos mortos cujos parentes pagaram a missa.

Trata-se dum pequeno exemplo, apenas, como que de uma piada. O ofertório, esse, tem uma longa história, ao considerar-se como uma “oblação” a Deus, semelhante à “oblação” do Cântico, em que a humanidade oferece ao Pai e lhe dá graças pelo nosso irmão Jesus.

O certo é que, hoje em dia, não sabemos ao que vamos, nem o que se engendra? ou cozinha? nesse altar? ou mesa? Nem que significado tem de comer o pão, nem por que nos não deixam beber do cálice.

Em contrapartida, somos massacrados com um sermão a que chamam homilia, em que o padre revela, muitas vezes, não ter estudado, nem sequer medianamente, o significado bíblico do que acabou de ler. Não interessa nem o que diz nem a linguagem que utiliza. Tudo é repetitivo, a cheirar a velho, sem vida.

As pessoas aborrecem-se e não voltam. E de facto há que ter muita fé e muita humildade para voltar. Eu cá volto porque sinto necessidade de rezar o Pai nosso com a comunidade, de me sentir irmão e de que me deem a mão. Mesmo sem conhecer ninguém. Quando me entregam o pão da comunhão, gosto de ficar sentado a contemplar o rosto dos que regressam em fila.

Qualquer reforma da Igreja de Jesus terá de começar ou terminar por reestudar a mesa do Senhor.

LUIS ALEMÁN MUR

# «Até Deus, após a Criação, descansou e quis que houvesse um dia de descanso semanal»

**A**preguiça é, segundo a doutrina da Igreja Católica, um dos sete pecados capitais e até há um ditado que a classifica como a mãe de todos os vícios. Num tempo em que preguiçar é um luxo a que poucos podem dar-se, perguntámos ao padre Anselmo Borges porque é que a Igreja a olha como uma falta tão grave.

## **A preguiça era um dos sete pecados capitais. Porquê?**

Era e é. Os pecados capitais são sete: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja, preguiça. Sete é um número perfeito. Neste caso, número perfeito dos vícios que estão à cabeça de todo o mal, por isso se chamam capitais (de *capitis*, cabeça) e de que as pessoas devem libertar-se. Porquê? Os vícios

são-no porque estragam a nossa vida ou a vida dos outros, prejudicam-nos, fazem-nos mal. Pergunto: a preguiça não é contra uma vida autêntica? Não dizemos de alguém preguiçoso, que não trabalha nem cuida da família, que é um parasita e que está a prejudicar outros? Até há um ditado que diz que “a preguiça é a mãe de todos os vícios”.



## **Mas não é um exagero que o que hoje é quase uma necessidade ou até direito, como escreveu Lafargue, assuma tal gravidade?**

No sentido que expliquei, não.

Tudo depende do que se entender por preguiça, que é

um mal se for a recusa do trabalho e o tentar viver à custa dos outros ou encostado ao Estado.

### **É preciso cultivar o valor do trabalho?**

Temos de “ganhar” a vida. A vida é um dom, mas, por causa da “neotenia” (viemos ao mundo por fazer e temos de fazer-nos, realizar-nos), temos de trabalhar. O trabalho é uma das características humanas que nos distinguem dos outros animais. Transformando o mundo pelo trabalho, transformamo-nos a nós e realizamo-nos. Por outro lado, o trabalho implica uma tarefa em comum: pelo trabalho, realizamo-nos coletivamente, uns com os outros. E há o trabalho enquanto esforço duro, mas também há a alegria de ter realizado um trabalho, uma obra (em inglês, trabalhar diz-se *to work*, que vem do grego *érgon*, obra). Admiramos quem realizou uma obra.

### **Que significado têm os pecados capitais?**

São vícios que estão na base de uma existência má para nós e para os outros. Não é verdade que a soberba nos estraga a vida, levando à arrogância e ao desprezo dos

outros? Não deve dizer-se o mesmo da avareza, pois acabamos por dar mais importância às coisas do que às pessoas? E da luxúria, que desumaniza a sexualidade? Da ira, que pode levar à violência e a matar? Da gula, que dá cabo até da saúde? Da inveja, que se entristece com o bem dos outros? E da preguiça, como disse.

Segundo a Bíblia, até Deus, após a criação, descansou e quis que houvesse um dia de descanso semanal, para que o ser humano soubesse que não é uma besta de carga. O problema agora é que as pessoas se esgotam a produzir e a consumir.

### **Fez recentemente um elogio do inútil, numa crónica sua no *Diário de Notícias*. A preguiça não é também uma forma desse inútil cuja importância sublinha?**

Tudo depende do que se entender por preguiça, que é um mal se for a recusa do trabalho e o tentar viver à custa dos outros ou encostado ao Estado. Mas faço o elogio do inútil, e é necessário sublinhar isso num tempo em que tudo se compra e tudo se vende, como se os únicos valores fossem os do ídolo dinheiro. É preciso voltar ao gratuito: uma flor que se

oferece, contemplar a beleza, fazer silêncio para ouvir melhor: a grande música, que é o divino no mundo, extasiar-se com um pôr-do-sol, a lua e as estrelas, a arte em geral, a poesia, o saber pelo saber, rezar, meditar, ir ao mais íntimo de si para tocar o essencial do mistério...



**Há quem encare esse tempo de contemplação e silêncio, por exemplo, como preguiça. Numa sociedade acelerada como a nossa e centrada no trabalho e no desempenho, como conquistar tempo para essa “preguiça boa”?**

É essencial tempo para o gratuito, para o ócio. A nossa palavra escola vem do grego *scholê*, que significa ócio. Mas trata-se do ócio próprio dos cidadãos, tempo livre para pensar (lá está a filosofia) e governar a pólis. O problema hoje é que tudo, até as férias, se tornou negócio, a negação do ócio. Tudo está

mercantilizado. Outro veneno do nosso tempo: o desassossego interior, a agitação, a sociedade-espetáculo...

**O maior problema é já não sabermos como usar o tempo livre?**

Segundo a Bíblia, até Deus, após a criação, descansou e quis que houvesse um dia de descanso semanal, para que o ser humano soubesse que não é uma besta de carga. O problema agora é que as pessoas se esgotam a produzir e a consumir, até se consomem a consumir, esquecendo que o homem é, constitutivamente, trabalhador e festivo. E consumimo-nos mesmo, sem tempo para viver. Simplesmente isso: viver o milagre do ser e de existir!

Não penso que os portugueses sejam propriamente preguiçosos. Somos é pouco produtivos, por motivos vários: falta de qualificações, falta de salários justos e motivadores, falta de bons gestores...

**O que tem a preguiça de bom e de mau?**

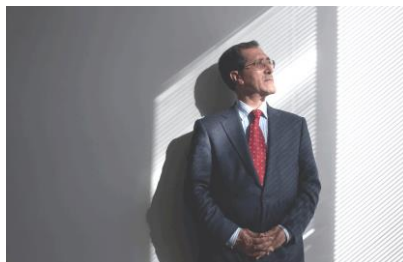
Já lhe disse em que sentido a preguiça é mal. Mas é um bem necessário naquele outro sentido de não fazer nada, pura e simplesmente

para se poder viver o milagre de existir. Somos seres festivos e precisamos de festejar, conviver com a família, apreciando um bom copo de vinho, apanhar sol relaxadamente deitados na praia...

**Diz-se muitas vezes dos portugueses que são preguiçosos. São ou a “acusação” é uma injustiça?**

Não penso que os portugueses sejam propriamente preguiçosos. Somos é pouco produtivos, por motivos vários: falta de qualificações, falta de salários justos e motivadores, falta de bons gestores... Veja-se como os trabalhadores portugueses

são apreciados no estrangeiro. Reflita-se sobre as razões disso. Mas concordo que também há gente cujo ideal é viver à custa dos outros... E há maus exemplos também: o que faz metade dos deputados que, como disse Macário Correia, nada fazem de útil, apenas se passeiam a ver passar o tempo, vivendo à custa dos contribuintes?



**Perfil**

**Pe. Anselmo Borges**

Doutor em Filosofia, Anselmo Borges, 78 anos, é padre da Sociedade Missionária Portuguesa, professor universitário, comunicador e autor de vários livros em que reflete sobre a religião, o seu lugar na sociedade atual, o pensamento contemporâneo e diversas questões da atualidade. O diálogo inter-religioso e o regresso aos valores essenciais do Evangelho estão na base da sua reflexão. Anselmo Borges é cronista do *Diário de Notícias*.

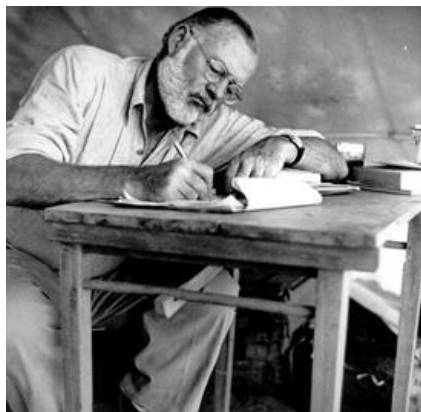
Texto de Catarina Pires | Fotografia Leonel de Castro/Global Imagens

in *DNLive* 29-08-2019

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/ate-deus-apos-a-criacao-descansou-e-812614> (01.09.2019)

## memória

### 01.09.1952 – Publicação de «*O velho e o Mar*»



O romance «*O velho e o Mar*», do escritor norte-americano ERNEST HEMINGWAY, escrito em Cuba um ano antes da sua publicação, é o último trabalho de ficção do autor e possivelmente a sua obra mais famosa. A história, sobre a luta do velho

pescador cubano Gregorio Fuentes contra um peixe enorme, é considerada um dos trabalhos de ficção mais destacados do século XX. No prefácio à edição da obra pela Livros do Brasil, em 1956, JORGE DE SENA classifica-a como um «breve poema em prosa», um «breviário nobilíssimo da dignidade humana, escrito com a mais requintada das artes». «Poucas vezes, no nosso tempo, terá sido concebida e realizada uma obra tão pura, em que a natureza e a humanidade sejam, frente a frente, tão verdade», escreve JORGE DE SENA, para quem as qualidades que colocaram HEMINGWAY entre os grandes escritores da nossa época, «atingem nesta pequena obra um nível, um poder de visualização, uma emoção artística, uma vibração humana, que, em plano igual, a literatura quase só terá atingido na poesia épica clássica como em certas páginas de romance do século passado». HEMINGWAY recebeu o Prémio **Pulitzer** em 1953 e o **Nobel de Literatura** no ano seguinte pela sua obra completa.